

O ÊXODO RURAL NA CIDADE DE SIQUEIRA CAMPOS, PARANÁ: ANÁLISE DOS FATORES DE EXPULSÃO E ATRAÇÃO.

THE RURAL EXODUS IN THE CITY OF SIQUEIRA, PARANA: ANALYSIS AND
EXPULSION OF ATTRACTION.

¹ GOUVEIA, PRISCILA ALVES; ² SELANI, REINALDO LUIZ

^{1 2} Departamento de Geografia - Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO

RESUMO

O presente artigo concerne na análise acerca dos fatores que confluíram no êxodo rural no Município de Siqueira Campos, Paraná, nos anos de 1970 à 2010, abordando os fatores históricos, climáticos, econômicos e sociais, que resultou neste processo. Os conceitos de êxodo serão elencados no decorrer da discussão, além da interpretação da dicotomia campo e cidade. Entretanto, será abordado a aculturação do indivíduo do campo frente ao novo padrão de cultura do espaço urbano.

Palavras-chave: Êxodo Rural; Dicotomia Campo *versus* Cidade; Evolução Populacional.

ABSTRACT

This article concerns the analysis of the factors that converged on the rural exodus in the city of Siqueira Campos Paraná, in the years 1970 to 2010, addressing the historical, climatic, economic and social, which resulted in this process. The concepts of migration will be listed in the course of the discussion, and the interpretation of the dichotomy between city and country. However, we will describe the acculturation of the individual field opposite the new pattern of urban culture.

Keywords: Rural Exodus; City versus country dichotomy; Population Evolution.

INTRODUÇÃO

No Brasil, mais precisamente no século XX, a migração rural aos centros urbanos caracterizou uma grande mudança social. Este fenômeno, o êxodo rural, é a migração de elementos da zona rural para a zona urbana. Suas causas decorrem de várias conseqüências dentre as quais se destacam: a mecanização do campo, a estrutura fundiária obsoleta, escassez da política definida para a agropecuária, fatores climáticos, monopolização de latifúndio, e o crescimento industrial.

Esta pesquisa pretende mostrar que o êxodo rural ocorrido na cidade de Siqueira Campos, Paraná, no ano de 1970 a 2010 se deu não só no âmbito geográfico, mas principalmente no âmbito social, conforme as concepções apresentadas por DURHAN, diz: “a migração para o homem rural consiste em

abandonar um conjunto de relações pessoais permanentes que passam a ser esporádicas e integram-se num conjunto de relações, que eram esporádicas e passam a ser permanentes.” (DURHAN, 1973, p.49). Isto significa que, ao se trabalhar com a categoria migrante rural não se deve entender a migração como simplesmente um deslocamento geográfico, mas sim, como um movimento no universo social dos indivíduos, pois requer do trabalhador um tipo de qualificação maior e ampla que não aquela específica para o trabalho industrial, mas aquisição de normas, valores, enfim, padrões culturais, a fim de orientar as novas relações culturais. Para isso, será articulado o conceito de êxodo rural com o conceito de migração.

Entretanto, esta pesquisa abordará os fatores que levaram os trabalhadores rurais a deixar o campo, assim como, analisar o processo de aculturação, onde o indivíduo sofre a coerção da nova sociedade sendo impostos novos valores culturais em seu cotidiano, diferente de sua realidade cultural formada.

Para esse fim, conceitos do fluxo migratório rural-urbano no atual Município de Siqueira Campos - PR serão abordados, assim como, compreender os fatores que levaram esses trabalhadores ao deslocamento do campo, resultantes dos impactos ocasionados pela geada negra, inclusive, com a industrialização.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho de pesquisa sobre o êxodo rural no ano de 1970 a 2010, acerca da mudança do cenário do espaço rural para o urbano do município de Siqueira Campos, Paraná, foram utilizados uma revisão dos documentos bibliográficos referentes aos conceitos elencados, e também pesquisa de campo por meio de entrevistas com pessoas que vivenciaram o período em questão.

Além dos documentos bibliográficos utilizados na pesquisa, foi aplicado por meio das premissas da História Oral² a temática de entrevistas, por meio da aplicação do questionário as pessoas que vivenciaram o êxodo rural, onde foram

² Subdivisão historiográfica referente a um tipo de fonte com o qual o historiador trabalha, a saber, os testemunhos orais. Isto significa que, o historiador irá produzir o essencial dos seus materiais de investigação e reflexão a partir da coleta de depoimentos.

expostos, quais foram os fatores que determinaram na expulsão do espaço rural e atração para a cidade de Siqueira Campos, Paraná, além do mais, as principais mudanças sócio culturais vivenciadas por elas nestes período. Foram aplicadas as seguintes questões: 1) Há quanto tempo reside na cidade? 2) Antes, residia onde? 3) O que motivou sua mudança para a cidade? 4) Sente falta do campo? Do quê? 5) Gosta de morar na cidade? 6) Considera que se adaptou facilmente à vida na cidade? Por quê? 7) Gostaria de retornar para o campo? 8) Por que optou por Siqueira Campos? 9) Desde que se mudou para Siqueira Campos, quais as principais mudanças que você notou?

Algumas questões foram apresentadas para realização do trabalho de campo, que estão destacadas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para se compreender os processos de transformação decorrentes do êxodo rural, primeiramente deve-se levar em consideração a dicotomia do conceito campo e cidade, com isso, resultam na denotação dos processos constituintes da expulsão (repulsão do homem) e atração (a cidade como *lócus* do fetichismo), palavras chave desta passagem da mudança de espaço rural para o urbano.

O espaço rural é caracterizado pela paisagem natural, onde as características da natureza são visíveis e sensíveis. De acordo com ALMEIDA, em sua obra “A participação social dos operários de origem rural em área urbana”, diz :

“Os habitantes rurais, pela natureza de sua ocupação, estão mais expostos ao meio físico e em estreito contato com a natureza, ao contrário do homem urbano, que é rodeado por ambiente artificial, com pouco ou nenhum contato com a natureza. (ALMEIDA, 1981, p.51).”³

Isto significa que, o espaço urbano é distinto do espaço rural, devido a sua artificialidade constituída por aglomeradas moradias, edificações, praças, igrejas, ruas, esquinas, entre outros, resultantes da ação antrópica, definido como espaço geográfico. Por isso que, de acordo com Ratzel, a cidade “é todo aglomerado permanente cujas atividades não se caracterizam como agrícolas.”

Neste sentido, a realidade do meio rural, onde a atividade agrícola é

³ ALMEIDA, A. M. C. de. **Participação social dos operários de origem rural em área urbana**. Curitiba: GRAFIPAR, 1981.

dominante, o trabalhador rural trabalha com organismos vivos, ocorrendo o processo da relação homem X natureza, baseado na adoção de estratégias ou técnicas de apropriação do espaço natural, para o processo de produção de alimentos. Enquanto, as atividades no espaço urbano baseiam-se na transformação de substâncias inorgânicas e orgânicas, as quais são despojadas previamente de vida, em outras substâncias de mesma natureza.

Com base nos conceitos de SOUZA:

“ A cidade é um centro de gestão do território não apenas enquanto sede de empresas (privadas ou estatais), mas também enquanto sede do poder religioso e político. Além do mais, uma cidade não é apenas um local em que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e consumidos, e interação com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidades e de interesse, menos ou mais definidos territorialmente com base na identificação entre certos recursos cobijados e o espaço, ou na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter ou preservar” (SOUZA, 2005, p. 28).⁴

Verifica-se que, a cidade é o *locus* da diversidade cultural, marcado pela racionalidade econômica e política que modula o ser social do indivíduo, tendo como resultado o processo de segregação social, refere-se especialmente à questão residencial, situadas em lugares estratégicos mais ao centro, sendo formada por prédios, residências de alto padrão, ou seja, por altos status, ao contrário das zonas periféricas, composta por bairros marginalizados (ausência de saneamento básico, falta de atendimento aos serviços governamentais, etc.), esta realidade ocorre nas grandes cidades do país tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, entre outras, marcadas por grandes extensões de favelas.

Outra situação da dicotomia campo *versus* cidade, postuladas por SOLARI parte das indagações referentes ao processo de homogeneidade e heterogeneidade sócio-culturais, diz que “as características psicossociais, de seus membros, assinalando que as comunidades rurais tendem a ser mais homogênea que as urbanas. Essa diferenciação reside nas origens de sua população.” Entretanto, essa premissa refere-se ao sentido de que, a prólogo da migração interna e internacional provenientes da cidade resulta no componente heterogêneo das características psicossociais.

Interpreta-se a formação do conhecimento do homem do campo como sendo inferior ao homem da cidade, devido às singularidades de sua visão de mundo, pois

⁴ SOUZA, M.L. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

são definidas por ritmos de vidas divergentes. A autora Ana Fani A. Carlos trata esta questão em seu livro *A cidade onde*, “é o tempo que dá a medida da vida e impõe o ritmo urbano”. (CARLOS, 2005).

A divergência principal entre campo e cidade está relacionada na autossuficiência do rural em contraste com o urbano. Esta autossuficiência é explicada na medida em que o campo é o lugar em que se realiza a atividade primária, onde o homem está estritamente ligado com a natureza, extraíndo dela sua subsistência. Enquanto na cidade, ocorrem as atividades secundárias e terciárias. Outra situação que caracteriza a diferença entre o espaço rural e urbano diz respeito à questão demográfica, pois enquanto no meio rural a população é escassa e pouca concentrada, no meio urbano existe uma tendência a um crescente aumento da população que se encontra concentrada em uma área geográfica menor que a disposta na área rural.

A terminologia êxodo rural, de acordo com as premissas epistemológicas, apresentadas como resultado da industrialização, paradigma errôneo de uma categoria singular, pois sua gênese está ligada a pluralidade de causas. O sociólogo OLINGER associa o termo êxodo rural aos fatores físicos, políticos-institucionais, econômicos, sociais, e do conhecimento.

Aos fatores físicos OLINGER (1991, p.18), estabelece os fatores em deferimento à terra, no qual, é apresentada a escassez de qualidade e a disponibilidade para o cultivo. Quando a fertilidade é baixa, as colheitas tornam-se inadequadas e posteriormente os resultados econômicos comparados com os outros produtores que cultivam em terras melhores desestimulam os primeiros. Salientando ainda, vale frisar as irregularidades do terreno; muito acidentado, sob o ponto de vista topográfico, pedregosidade, ausência de água e o clima, além de outros casos.

Dentre os fatores econômicos OLINGER (1991, p.20), problematiza na proposição de que os preços estão, por sua vez, relacionados ao custo da produção, de armazenagem, do transporte e dos sistemas de mercado. Se os preços finais recebidos não são compensadores, a tendência é mudar de atividade ou abandoná-la.

Os pequenos produtores sofrem com esse processo devido à falta de suporte econômico para competir com os latifundiários, como por exemplo, não podendo influenciar no ciclo natural da produção e do processo de armazenamento quando necessário, a fim de conseguirem uma melhor época de cotação do preço do

produto no mercado. Apoiando-se no pensamento de SOLARI (1991), onde se destaca que quando as colheitas são boas e produzem uma grande safra, conseqüentemente, há uma grande oferta do produto no mercado, o que proporciona uma queda do valor da produção, fazendo com que o pequeno produtor, vendendo seu produto abaixo do custo no mercado consumidor, acumule perdas consecutivas, resultando no triunfo dos latifundiários economicamente, e ocasionando o êxodo rural daquele tipo de produtor.

O governo possui programas de crédito ao produtor, oferecendo incentivo à produção agrícola, mas o dinheiro na aplicação para as melhorias da safra, e a mão de obra, são muitas vezes superiores ao valor da venda da colheita e não pagam as altas taxas cobradas pelas instituições financeiras, ou bancos, devido as dívidas mal calculadas e levam a total falência deste agricultor.

Este fator culminou na historia do Brasil, no ano de 1960, no ciclo cafeeiro que passou por estágio de esgotamento devido as expansões das áreas plantadas e nos demais países concorrentes nesse mercado, gerando excesso de oferta do produto, levando à sucessivas tendências de baixos preços no mercado da produção do café. É com o governo de Juscelino Kubistchek (1955-1961), de confisco cambial dos lucros dos cafeicultores envolvidos com exportação, que acabou por levar ao declínio desta elite. Assim, o café, que em 1969 representava mais de um terço das exportações brasileiras, atingiu no ano de 1974 o índice de 7%.

O Brasil desde o processo emergencial de sua economia foi marcado por *commodities*, ou seja, um tipo de produção que liderava à expotação, e com o desequilíbrio do ciclo cafeeiro, a alternativa evidente foi substituir o café pela soja. Logo no primeiro governo militar (1964-1985), o poder público federal começou a perseguir uma política de incremento das exportações. Dentre as iniciativas contempladas com o financiamento público a preços acessíveis para o plantio da soja, foi necessário que o produtor adotasse a mecanização para acelerar a produção, com isso, inúmeros trabalhadores rurais foram dispensados, inclusive, os pequenos e médios proprietários não tendo êxito na operação da transição da cultura tradicional para a nova cultura do plantio da soja, o resultado foi a expansão maciça de indivíduos do campo para a inserção na cidade. Em detrimento, a soja causou aceleração do processo de urbanização e industrialização no Brasil, inclusive no Estado do Paraná.

Milton Santos, em sua obra A Urbanização Brasileira diz

“Entre 1940 e 1980, dá-se uma verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Há meio século atrás (1940) a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%, sendo que no período relacionado a pesquisa o índice de urbanização passou de 26,35% para 36,16%”. (SANTOS, 1998, P.29).

O desenvolvimento do capitalismo culminou na emergência da industrialização e na urbanização, sendo o capitalismo um sistema sócio-econômico onde predominam as empresas particulares e a busca do lucro; ocorre a via de regra, uma concentração demográfica em certas áreas especialmente nos grandes centros urbanos (atração devido à possível empregabilidade). Isso facilita o intercâmbio entre as empresas, gera facilidades em termos de infraestrutura (eletricidade, asfalto, encanamento, etc) além de propiciar mercado consumidor para as firmas. Na verdade, o capitalismo nasceu - e se desenvolve de forma mais plena - não apenas na cidade e com o comércio, mas principalmente na atividade fabril, na indústria. Outras características básicas do desenvolvimento do capitalismo - que é sempre marcado pela segregação social entre patrões (burgueses) e assalariadas (proletários) - são a produção em grande escala e a mecanização progressiva das tarefas. Assim, o avanço do capitalismo gera mecanização do campo, o que acarreta desemprego para os trabalhadores em "excesso" (pois, as máquinas fazem o trabalho de vários homens) e leva o agricultor ao empobrecimento em função da expansão das grandes propriedades rurais em prejuízo das pequenas, que não podem dispor de tratores, colhedoras, empréstimos bancários com boas condições, etc e tudo isso leva as famílias do campo a saírem em busca de empregos e moradias nas cidades. Essa é a razão básica da migração rural-urbana.

Por meio das considerações de PORTELA os motivos específicos do migrante podem variar bastante, apesar de estarem direta ou indiretamente ligados a esse fator principal:

“A ilusão de uma vida melhor ou mais “moderna” nas grandes cidades divulgada pelos meios de comunicação, podem motivar o êxodo rural; (...) A influência da pressão demográfica sobre os recursos como exemplo, dessa situação: às vezes, uma pequena parcela de terra não dá para sustentar o crescimento da família; outras vezes, a morte do pai leva a divisão do sítio entre os filhos, gerando escassez devido a insuficiência de partes que couberam a cada um. Nesses casos, parte dessas pessoas tem de sair do campo em busca de situação melhor; (...) A pressão econômica é até física (uso da violência dos grandes proprietários frente aos pequenos, com o

objetivo de comprarem suas terras.”

Percebe-se que, o processo de urbanização no Brasil vincula-se diretamente às transformações sociais que vêm mobilizando a população dos espaços rurais e incorporando-a à economia urbana, bem como aos padrões de sociabilidade e cultura da cidade. A inserção no mercado de trabalho capitalista e a busca por estratégias de sobrevivência e mobilidade social implicam na instalação em centros urbanos e em uma mobilidade espacial constantemente reiterada, que se desenrola no espaço da cidade ou tem nela sua base principal.

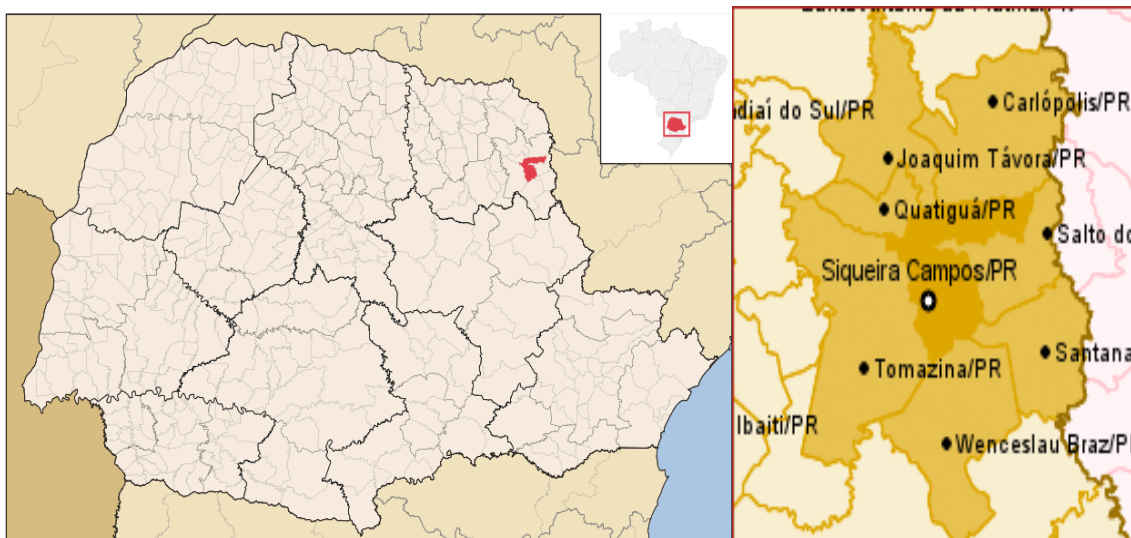
Assim como, o próprio fetichismo, que Karl Marx postula, como sendo um desejo do indivíduo de possuir novo modelo de vida idealizado pela massificação dos meios de comunicação que alienam esse indivíduo provocando um consumismo intenso.

Localização da área de estudo e breve contexto histórico do município de Siqueira Campos

Siqueira Campos é um município brasileiro localizado na Região Norte do Estado do Paraná (denominada Norte Pioneiro) e no Segundo Planalto Paranaense, latitude de 23°03'31''S e longitude de 51°02'12''W (Figura 1). Sua população, de acordo com o censo de 2010 é de 18.446 habitantes. O município tem área total de 279,140 km² e densidade demográfica de 50,23hab./km² (IBGE, 2010a).

Uma das considerações importantes ao observar o mapa da figura 1, insere na centralidade entre os municípios circunvizinhos que são os seguintes: limita-se ao norte com os municípios de Joaquim Távora e Carlópolis, a noroeste com Quatiguá; a oeste, com o município de Tomazina; ao sul, com Wenceslau Braz; a sudoeste com os municípios de Santana do Itararé e a leste com Salto do Itararé, sendo que estes dois últimos fazem divisa com o Estado São Paulo pela fronteira natural, o rio Itararé. Possui clima subtropical, com invernos amenos e verões quentes, temperatura média anual de 18°C e chuvas bem distribuídas durante todo ano.

Figura 1 - Localização do município de Siqueira Campos -PR no mapa do Paraná



Fonte: [http://www.muninet.org/Siqueira_Campos_\(Paraná\).html](http://www.muninet.org/Siqueira_Campos_(Paraná).html). Acesso realizado em 15/08/2011 às 09h00min.

O histórico da cidade inicia-se a partir de 1843, quando o pioneiro Joaquim José de Sene, vindo de Itapeva de Faxina (atual município de Itapeva), no Estado de São Paulo, tomou posse de toda área disponível (terras devolutas) que perfazia, no total, mil alqueires compreendida nos limites da linha divisória que ele mesmo delimitou. Em 1848, trocou toda a extensão desta possessão com um bandeirante, José Bernardo de Gouveia, por uma arma de munição daquela época, sendo que este bandeirante, não se interessando em se estabelecer definitivamente no local, vendeu as terras por 700.000.000 mil réis para os irmãos Miguel Francisco e Francisco de Paula.

No ano de 1863, os irmãos José Caetano de Carvalho, Caetano José de Carvalho, e Inocência José de Carvalho compraram as terras. Instalaram-se com suas famílias, inclusive com outros migrantes provindos das regiões de Santo Antônio de Machado, São José das Dores Alfazemas, São Francisco de Paula do Machado e São João Batista do Douradinho, do sul da província de Minas Gerais⁵. A população inicial desta época era de 150 pessoas. Em 1886, nascia o povoado nomeado de Colônias dos Mineiros.

O povoamento de Siqueira Campos inicia-se no final do século XIX, com o surgimento da vila de Colônia Mineira, pertencente ao então município de Tomazina.

⁵ Santo Antônio de Machado, São Francisco de Paula do Machado e São João Batista do Douradinho atual a cidade de Machado (MG) localização 21°40'30"N e 45°55'12"O; São José das Dores Alfazemas, atual cidade de Alfazemas (MG) localização 21°25'44"S e 45°56'49"O.

Com o desenvolvimento da vila, houve a elevação para a categoria de distrito, por força de lei municipal n.º 9, de 22 de novembro de 1900, subordinado ao município de Tomazina. Em de 20 de março de 1920, o distrito de Colônia Mineira é desmembrado de Tomazina, através da lei estadual n.º 1944, alterando sua denominação para Penápolis, constituindo um novo município paranaense. Oficialmente é instalado em 21 de setembro de 1920. Pelo decreto estadual nº 323, de 05 de Novembro de 1930, o município passou a denominar-se Siqueira Campos (Prefeitura Municipal de Siqueira Campos).

O êxodo rural inicia-se de forma crescente a partir de 1975, devido à ocorrência da geada negra. A geada está classificada em dois tipos: a geada branca e a negra. A geada branca se forma quando a temperatura do solo atinge a 0°C ou a valores abaixo de zero. Já a geada negra, apesar da nomenclatura, também é branca, mas diverge pelo seu grau de prejuízo, pois é mais forte e não há como recuperar as plantações. A formação da geada negra se dá quando não só o solo atinge temperatura abaixo de zero, assim como, a própria temperatura do ar. Com esse fenômeno, a cultura cafeeira do município de Siqueira Campos entrou em colapso. Sem alternativas para escapar das dívidas o ruralista vendia suas terras, não obtendo êxito deixou o campo, com o objetivo de adquirir melhores condições de vida na cidade.

Segundo OLINGER:

“As adversidades climáticas, tais como as geadas extemporâneas, as precipitações de granizo, as inundações causadas por excesso de chuvas, as secas, os vendavais e outras, podem causar danos insuportáveis aos agricultores, levando-os a trocar o campo pela cidade”. (OLINGER,1991, p. 21)

Um antigo agricultor, que residia no bairro Gabiroba destacou que, no dia em que ocorreu a geada negra, percebeu que tudo estava perdido, toda plantação de café foi danificada, inclusive, era época de colheita, além do mais, ficou sem dinheiro para pagar as dívidas. O café era única esperança do cafeicultor, para a manutenção da subsistência. Por isso, vendeu o sítio e foi morar na cidade de Siqueira Campos.

Sobre a opção dos agricultores na escolha por Siqueira Campos, ela ocorreu não somente pela necessidade, mas por apresentar na época empregos, embora a cidade não apresentasse as atuais indústrias, mas havia comércio, frigorífico, além

de outros ramos econômicos.

Observe a tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – População do Município de Siqueira Campos – Paraná
Extensão Territorial – 279,140 Km²

ANO - CENSO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO TOTAL
1970	6.078	9.565	15.643
1980	7.709	7.635	15.344
1990	9.021	5.202	14.223
1996	10.162	4.217	14.379
2000	11.771	4.231	16.002
2007	12.135	4.528	16.663
2010	13.419	5.027	18.446

FONTE: IBGE

No censo do ano de 1980 a população rural que no ano de 1970 era de 9.565 habitantes passou para 7.635 e igualou ao índice da população urbana representada por 7.709 habitantes. Esse fator foi decorrente da geada negra.

A partir do ano de 1989, foi instalado na cidade de Siqueira Campos novas indústrias. No início do ano de 1990, criou-se a Área Industrial I, às margens da Rodovia PR-092, à época caracterizada no agronegócio, e hoje, diversificada, onde está implantada as empresas do Grupo Bonilha, ProTork, maior empregador do Município, com mais de 1.600 colaboradores e considerada a maior indústria de motopeças da América Latina. Na seqüência, criou-se as Áreas Industriais II e III, mais voltadas a comércio e serviços, devido às suas características mais urbanas.

Em 2003, criou-se a Área Industrial IV, às margens da PR-424, onde atualmente está instalada o complexo da VF do Brasil, que configura-se como âncora de um projeto têxtil de grande porte, espelho para a atração de outros investimentos no setor de distribuição. O setor de distribuição têxtil é o coroamento do vigor da área de indústria de confecções, que gera mais de 1.500 empregos diretos, sendo 80% mão de obra feminina local.

Atualmente, está em processo de implantação a primeira fábrica de motos do Paraná, que estará localizada a Área Industrial IV. Como vemos, o complexo

industrial de Siqueira Campos compõe-se de empresas dos mais diversos setores, com ênfase naqueles considerados prioritários pela administração municipal, ou seja, têxtil, metal-mecânico, cerâmico, agroindustrial e madeireiro.

No setor industrial de Siqueira Campos empregam-se aproximadamente 4.000 operários, qualificados nas mais diversas áreas, tais como, metalúrgicos e operadores de máquinas de costura industrial (Prefeitura Municipal de Siqueira Campos, 2010).

Isso é um fator determinante na atração não só da população do campo, mas também dos municípios circunvizinhos (observe a figura 1, p. 10), com isso, ocorre a eclosão de uma massa de migrantes que por sua vez, impactou na morfologia da cidade, devido a falta de estrutura para receber esses grupos de migrantes.

Todas as pessoas entrevistadas na pesquisa relataram que a cidade cresceu, ou seja, tanto aspecto demográfico, tanto na ampliação seu espaço urbano, que a economia do município se desenvolveu com a instalação de novas empresas e indústrias, mas as reclamações, também apontadas pelos moradores dizem respeito as más condições de infra-estrutura no zona urbana do município, no qual, destacaram, péssimas condições das ruas localizadas em vários bairros da cidade, tais como Jardim Planalto, Vila Operária, Vila Nova, Vila Nascente do Sol, entre outros exemplos. Desta forma, por mais positivo que seja o desenvolvimento no setor econômico e industrial do Município de Siqueira Campos, os impactos serão alarmantes na morfologia da cidade (ruas danificadas, falta de moradias, atendimento às políticas públicas, o desemprego, entre outras).

Por isso que, MOSCHINI (1972) conclui que as pequenas cidades não tem condições nem de acolher o êxodo rural, nem seu próprio crescimento vegetativo, poque não apresentam condições estruturais e sociais. O ideal seria desenvolver e ativar a interiorização da economia das cidades consideradas “pólos de desenvolvimento econômico regional” (como é o caso de Siqueira Campos) e em cidades de porte médio, onde há possibilidade de evitar que a população proveniente do êxodo vá para o setor terciário, para o setor residual de serviços ou venha a adensar o desemprego disfarçado, colocando-se então, a possibilidade dessa população se empregar no setor secundário das pequenas indústrias de transformação de produtos agrícolas.

Percebe-se que a partir de 2007, a população rural começou a crescer, que é

um dos aspectos consideráveis na pesquisa em que o foco é analisar o êxodo rural, tornando-se oportuno citar a política econômica adotada pelos gestores municipais (como exemplo, atual gestão municipal de Luis Antônio Liechosk), que incentivando a implantação do sistema de transporte dos trabalhadores rurais para as fábricas situadas na cidade. Esse sistema procedeu certo controle do êxodo rural, pelo seguinte pressuposto, como a cidade possui pouca estrutura em receber essa gama de migrantes, a opção viável foi o investimento no espaço rural.

A população rural do censo de 2010 apresenta-se no número de 5.027 habitantes, onde as causas deste acréscimo apontada na pesquisa foi não somente a questão do sistema de transporte, mas em virtude da possibilidade do homem do campo evitar de possuir muitos gastos, em detrimento do custo de vida no espaço urbano ser mais caro, enquanto no sítio possibilita-se na inserção da liberdade de cultivar hortaliças, animais, fruticultura, entre outros, efeitos básicos para rentabilidade.

Um dos fatores determinantes na inserção do homem do campo no espaço urbano refere ao processo de estranhamento, onde uma nova cultura será instalada na vida do indivíduo, que os antropólogos definem como aculturação. Também definida por SCHUMANM como, “integração social e psicológica do aprendiz e adota os valores e estilos de vida”.

O historiador LE GOFF nos remete a essa reflexão em sua obra “História novos objetos do historiador”, como o choque entre distintas civilizações ou de cultura divergente, onde uma sobressai sobre a outra, por exemplo o domínio da civilização portuguesa *versus* indígenas do Brasil. A fusão precedeu na euroformação do índio através da religião (catequese realizada pelos jesuítas). No caso, o homem do campo ao inserir e instalar no espaço urbano, ocorre estranhamento, frente a nova realidade que passa a viver (fusão do senso comum *versus* lapso urbano), indubitavelmente, um embate conflui na adoção cultural do ritmo do indivíduo urbano. Desta forma, a divisão do trabalho instala-se na jornada de operariado (nomenclatura ao trabalhador das indústrias, fábricas, etc). O tempo passa a conduzir o cotidiano do ruralista (operário) racionalizando retoricamente o indivíduo, modulando-o (Karl Marx conceituou de alienação). Percebe-se a dificuldade do cotidiano do homem do campo, e com a mudança para a cidade ocorre a alteração da paisagem da rotina precedida pela sucessão de tempo.

O sociólogo Émile Durkheim ressaltava: “a sociedade realiza o processo de

sociabilização do indivíduo” (educação e sociologia), exercendo a coersão, que no caso, ao referir acerca o homem do campo, significa que, deverá se adaptar as leis que regem a sociedade. As roupas são modificadas, pois no trabalho rural não se necessita de um uniforme de trabalho ou de um vestuário novo ou conservado, devido as atividades físicas dispensadas nas atividades agrícolas e o esforço corporal repetitivo as vestimentas apresentam-se bastante desgastadas, sujas pelo trabalho dispensado no cultivo e cuidado das culturas. Já na indústria utiliza-se uniforme. Isto é embate cultural, a nova sociabilidade regra o homem.

O migrante rural ao interagir com os habitantes da cidade sofre preconceito devido ao seu sotaque caipira, segundo depoimento de uma migrante rural, um fato real que ocorreu com ela, a falta de credibilidade ao inserir no emprego de comerciária, obteve muita dificuldade ao adotar o novo sotaque, ou seja, objetividade e coerência da pronúncia da língua portuguesa, recorda a migrante que, um dia o freguês a insultou dizendo de incapaz, sitiante e pé vermelho, a partir disso, desistiu do emprego e atualmente exerce a função de empregada doméstica.

O silêncio, ou seja, a tranqüilidade é componente do cotidiano das famílias rurais, inclusive, no decorrer das entrevistas indagaram a saudade desta passividade. As aversões ao passado rural, deparam ao aspecto das dificuldades do trabalhar com a terra, pois exige força, mão de obra (que tanto no passado como atualmente é escassa).

É interessante refletir no poema abaixo:

*“Os que lavraram a terras ou pastoreiam rebanhos
Decerto verão nos campos encantos tamanhos;
Mas quando vejo, em tão aprazível lugar,
Os lavradores míseros a trabalhar,
E o sol do meio-dia com luz desmedida,
A fustigar-lhes as fontes desprotegidas,
E outros fracos de ânimos e entendimento,
Apenas a expressar seu descontentamento,
Como ousar esconder tal realidade
Em versos fáceis de orgulho e falsidade?”(WILLIANS, 1989 p.124)*

Com este poema percebemos a vida difícil do homem do campo, e com a mudança deste para a cidade acontece uma alteração de paisagem, através de uma

alteração de visão para perceber a magnitude da mudança.

Inclusive no decorrer das entrevistas alguns dos migrantes rurais ressaltavam que:

“não sentem saudades do campo pois a vida era muito difícil, pois trabalho é pesado, muitas vezes os investimentos eram maiores do que a renda final.”

Um dos aspectos mais apreensivos parte da canção popular moda de viola que os antigos ruralistas indagam como recordações do passado no campo, que descrevem de forma simples o cotidiano do homem caipira (homem do campo).

CONCLUSÃO

Entender os fatores da repulsão do homem do campo, tornou-se relevante no decorrer do trabalho, inserida na visão plural das causas do êxodo rural, que no caso do Município de Siqueira Campos, Paraná, transpareceu visivelmente este paradigma, detratou desta forma, a epistemologia singular do êxodo resultante unicamente da industrialização.

Outra questão relevante, insere-se no conhecimento do embate cultural do homem do campo frente à paisagem urbana segmentada por um ritmo de tempo, além dos preconceitos sofridos durante o processo de adaptação no espaço.

Aspecto não muito trabalhado nas correntes epistemológicas do campo da Geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. M. C. de. **Participação Social dos Operários de Origem Rural em Área Urbana**. Curitiba: GRAFIPAR, 1981.

CARLOS, A. F. A. **Novos Caminhos da Geografia**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.63.

DURHAR, E. **A Caminho da Cidade**. São Paulo: Perpec, 1973.

LE GOFF, J. & NORA, P. **História Novos Objetos**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979. p. 113-129.

OLINGER, G. **Êxodo Rural**. Florianópolis:ACARESC, 1991.

OLIVEIRA, A. U. **A Geografia das Lutas no Campo**. São Paulo: Contexto, 2001.

PINSKY, C. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

PORTELA, F. & VESENTINE, J. W. **Êxodo Rural e Urbanização**. São Paulo:Ática, 1994.

QUEIROZ, M. I. P. **Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana: Ensaio**. Rio de Janeiro: editora S. A. 1978.

ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Editora Universidade, 2003.

SANTOS, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 118.

SOUZA, M. L. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOLARI, A. **A Sociologia Rural Norte-Americana**. Buenos Aires: Editora UBN, 1963.

WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Sites Consultados:

www.ibge.com.br

www.prefeituramunicipalsiqueiracampos.com.br